



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **A APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DOS SENTIDOS: CRIANDO ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS CENOGRÁFICOS**

Jéssica Mesquita Barbosa; Deborah Amorim Noberto Pinto

*Universidade Federal do Ceará. jessicamabarbosa0@gmail.com; deborahnoberto@gmail.com*

### **INTRODUÇÃO**

Mesmo em uma sociedade que se diversifica nos mais diversos âmbitos, é nítida a falta de interação entre as diferenças, ainda mais quando se trata de deficiência, seja física, seja psicológica. É pouco comum ver iniciativas particulares ou públicas que de alguma forma, possibilitem uma vivência “normal” dos deficientes, como bibliotecas que tenham livros em braile no acervo, rampas de acesso em calçadas ou um interprete de libras em um evento. Isso é mais grave quando ocorrem em ambiente escolar, onde deveria ser o berçário da civilidade, educação e respeito.

Há falta de preparo e estrutura, na maioria dos casos, para receber os alunos considerados “regulares”, imagine alunos que necessitam de cuidados especiais. Até na Geografia, que é uma ciência basicamente visual, as discussões são estagnadas e o principal problema é a falta de criação de materiais didáticos que possibilitem a aprendizagem da ciência geográfica e que isso aconteça de forma conjunta entre os mais diferentes tipos de alunos, mesmo com as limitações singulares que dificultam esse processo. Essa realidade vai contra o que a legislação brasileira (LDB 9392.96) afirma: a escola de ensino regular deve contemplar as diferenças, sejam elas vinculadas a cor, ao social, credo, sexo, deficiências físicas e mentais, não cabendo segregação a partir de considerações que desconsidere a dimensão e a capacidade do outro.

O projeto de extensão intitulado: A Aprendizagem da Geografia Através dos Sentidos: Criando Estratégias de Cooperação na Construção de Recursos Didáticos Cenográficos, está em sua terceira versão e busca tratar de conteúdos escolares



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

geográficos de forma dinâmica, usando matérias cinematográficas como forma de fixação do conteúdo e interação entre alunos surdos e não surdos, e principalmente, tentar amenizar a falta de relação professor-aluno especial, que é agravada pela falta de preparo e orientação desse profissional tão importante na construção da cidadania dos alunos.

O aluno surdo precisa dessas linguagens visuais para compreender melhor o assunto que está sendo trabalhado, pois sua observação em relação às imagens é bastante apurada em comparação aos demais sentidos. Sendo assim, os mapas, o globo terrestre, os croquis, as fotografias, a pintura, o cinema e a televisão precisam ser melhor utilizados nas aulas de Geografia. Infelizmente, ainda é bastante restrita a utilização de tais linguagens que são essenciais para que o aluno surdo, na interação com o professor regente e o intérprete, possa desenvolver a aprendizagem. (SANTOS, FREIRE, 2011, p. 127)

## **METODOLOGIA**

O projeto é realizado na E.E.F.M. Monsenhor Dourado, que aceitou ser parceira do Laboratório de Estudos Geoeducacionais, do Departamento de Geografia da UFC. Contamos com a ajuda da coordenação, da professora de Geografia, e da interprete. Além da colaboração de outros professores e funcionários da escola. O ponto de partida foi o estudo empírico, ou seja, procurou compreender como era a metodologia usada na sala de aula e se havia inclusão dos alunos surdos, ou seja, se participavam das atividades. Esse primeiro contato veio com o objetivo de compreendermos a realidade do dia a dia e elaborar materiais que preenchessem possíveis deficiências que fossem encontradas.

A proposta inicial seria de realizar as atividades cinematográficas que relacionassem-se diretamente com a educação patrimonial (ambiental e cultural), mas partindo da observação do conteúdo das aulas, achamos melhor fazer um complemento do conteúdo e trazer exemplos do assunto estudado para uma escala mais próxima. Partindo dessa ideia, foram ministradas aulas dinâmicas que visavam complementar o que estava sendo visto em sala de aula. O tema em questão é Industrialização. Foram



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reproduzidos vídeos que trouxessem esse processo de forma mais dinâmica, explorando o sentido visual. Um dos assuntos discutidos foram processos industriais na escala da cidade e do bairro: dessa forma os alunos surdos e não surdos foram incentivados a participar em conjunto, deixando-os mais motivados a interagirem e a falarem sobre o assunto. Ademais, foram colocadas algumas dinâmicas que possibilitaram uma proximidade maior entre toda a turma, como a dinâmica da mimica. Apesar de parecer uma brincadeira simples, foi possível fazer que todos tentassem falar apenas com as mãos, fazendo a comparação mimica e libras e sendo possível assim explicar que os dois são diferentes, porém, a mimica podia servir como forma de comunicação, mesmo como uma linguagem “não oficial”.

Com a continuação e complemento do projeto, busca-se que a inclusão ocorra por meio da participação de surdos e não surdos na feira de ciências e também na Semana da Consciência Negra (eventos anuais da escola). As integrantes do projeto participarão como apoio, buscando que os alunos surdos sejam incluídos nos eventos escolares que geralmente não participam. A feira de ciências geralmente não contempla a Geografia, mas isso não impediu que o projeto se inserisse nessa atividade da escola. As disciplinas trabalhadas serão Química e Física. Desta forma, partindo da tabela periódica e dos elementos químicos buscou-se fazer uma combinação Geografia e Química, onde serão apresentadas as rochas e a explicação dos elementos químicos nelas presentes. Assim, será possível fazer uma apresentação usando recursos visuais e palpáveis, mais uma vez para incluir os alunos surdos nesse evento.

Na semana da Consciência Negra, que ocorrerá em novembro, também será feita a participação com atividades programadas pela escola e mais uma vez procura-se explorar o visual de forma mais dinâmica nas apresentações. Na finalização do projeto, será produzido um vídeo educativo, cujo o tema será o que foi abordado nas aulas de Geografia, o processo de industrialização. Na construção do vídeo toda a turma poderá ajudar desde a elaboração do roteiro até a interpretação nas filmagens. Nesse processo,



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

pretende-se contar com a participação de outros alunos também surdos de turmas diferentes.

Com a finalização do filme e exibição do mesmo, pretende-se explorar os recursos visuais e mais uma vez motivar a interação dos alunos. Com o filme já construído e exibido, uma cópia será deixada na escola para que possam servir para futuras aulas e também que possam motivar outras turmas que possuem alunos inclusos. No final do ano letivo será feito um questionário, onde os alunos, professora e interprete poderão avaliar a participação do projeto na turma, respondendo se foi válido, o que poderia melhorar e se realmente colaborou no processo de inclusão. Com a aplicação do questionário procura-se obter as respostas para saber se conseguiu cumprir os objetivos e se futuramente terá a participação do projeto em outras escolas.



BARBOSA, 2015



SILVA, 2015

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa atividade serve como instrumento de interação entre os estudantes, pois durante o acompanhamento das aulas como período de adaptação no ambiente da escola e dos próprios alunos com as “novas pessoas” dentro da sala de aula, no caso, as bolsistas de extensão, percebeu-se a falta de relação direta entre professores e deficientes, o que pode ser explicado pelo fato de esses profissionais não terem recebido o preparo necessário durante a formação acadêmica. Ademais, não contam com



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

treinamento por parte da escola ou Secretaria de Educação – SEDUC do estado, órgão público responsável pela escola. Os únicos que tem preparo profissional de lidar tanto com os surdos como os outros alunos deficientes da escola (a escola também tem alunos com deficiência intelectual) são os pedagogos, assistentes sociais e psicólogos que atuam na área de AEE - Atendimento Educacional Especializado, que contam com matérias didáticos, salas equipadas e formação acadêmica para atendê-los da melhor forma possível. Dessa forma, o aprendizado fica prejudicado, pois a figura do professor fica meramente ilustrativa e sem valor pedagógico ao deficiente auditivo, pois o intérprete, mesmo que involuntariamente, toma o lugar de educador. Como consequência, a única pessoa que tem relação direta com o surdo é o intérprete, sendo esse o que lhe transmite conhecimento.

Os alunos ouvintes não tinham relação alguma com os surdos, ao ponto de eles segregarem a si mesmo dentro da sala de aula. As deficientes ficavam no canto esquerdo da sala, conversando apenas com a intérprete. Durante o período de observação, percebemos que as disciplinas mais problemáticas eram as de exatas, pois muitas vezes não há tradução de certas nomenclaturas para a LIBRAS, dificultando mais ainda aprendizagem. Na própria disciplina de Geografia, que é a nossa área de estudo e de prática de atividades com os alunos, não havia o uso de matérias visuais como forma de fixação e melhor aprendizagem dos conteúdos. Era usado apenas o método tradicional, aula simplesmente falada, mesmo a escola disponibilizando de sala multimídia e aparelhos de projeção.

Em conversas com a coordenação, nos foram passadas algumas instruções, como por exemplo, nunca virar as costas ao deficiente durante a explicação de algo, pois dessa forma, ele não tem acesso às suas expressões e pode achar que não está se referindo a ele. Isso é bem complicado, porque tem-se que falar olhando para todos, dando a mesma atenção e falar de forma pausada, de forma que a intérprete possa traduzir simultaneamente e que as alunas surdas entendam. Observamos também que no intervalo das aulas não há interação, pois como na sala de aula, as alunas surdas se





## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

segregam em um espaço só seu, conversando apenas entre si. É como se elas vivessem em um mundo paralelo.

Outra dificuldade encontrada foi a frequência das alunas. Na sala onde atuamos, o 2º ano do Ensino Médio, haviam três alunas surdas. Logo no começo, nos foi alertado que elas, assim como os outros alunos com deficiência intelectual da escola faltavam muito as aulas. As razões eram: a distância grande de casa à escola, pois é uma das poucas escolas inclusivas da cidade e tem muitos alunos que moram longe; A baixa imunidade deles, pois na maioria das vezes, eles têm diversos problemas de saúde que a mais fraca chuva pode fazê-los adoecer. A surdez, por exemplo, pode ser uma consequência de outra doença.

Para recuperar essas aulas perdidas e tentar fazê-los com que consigam seguir na mesma velocidade dos alunos ouvintes, são dadas aulas de reforço para eles em uma sala separada em contra turno. Lá, ao contrário da sala de aula, são usadas matérias visuais e palpáveis como metodologia de ensino.

No começo das atividades, os alunos eram receosos em participar, principalmente por não saber lidar com as colegas deficientes. Elas eram mais receosas ainda, pois são bastante tímidas. Levávamos vídeos com relação ao conteúdo visto, que é industrialização e puxávamos um debate, ou seja, estimulávamos os alunos a conversarem entre si dando opiniões, praticando até o senso crítico deles. Fazíamos isso com a ajuda da professora e da interprete. Com o passar das atividades, notamos que já havia uma participação mais ativa de ambos os alunos, chegando ao ponto de ouvintes e não ouvintes se oferecerem para participar das atividades de forma espontânea. Mesmo com a barreira entre as duas línguas dentro da sala de aula, começava uma troca de ideias entre eles. Uma parte nosso objetivo, que era construir uma relação entre eles, já está se tornando concreto.

## CONCLUSÕES



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O projeto está programado para terminar em dezembro, juntamente com o período letivo dos alunos. Portanto, não é possível ainda obter conclusões, visto que ainda faltam algumas atividades a serem feitas. Como todo projeto, havia um cronograma (até mesmo como exigência da Pró-reitora de Extensão da UFC) porém, ele foi elaborado majoritariamente como forma de dar uma direção a se seguir. Como bem sabemos, diversos fatores influenciam no andamento das atividades, como calendário da escola, disponibilidade das bolsistas, desdobramentos das tarefas e interesse da turma.

Até o momento, é possível perceber uma certa evolução da turma no quesito “relação”, pois as atividades feitas por nós, com a ajuda da professora e interprete tem mostrado que agora há troca de informações entre eles. Lógico que não com a intensidade que deveria ser, pois agora que essa realidade existe para eles. Mas já houve um avanço. Isso é nítido durante as nossas participações na aula e em conversas informais com a professora e interprete, nos foi informado que isso está acontecendo nas atividades “normais” da disciplina e em outras também.

Apesar de não termos concluído o projeto ainda, ao nosso ver, o de alunas ainda em começo de formação sem muita experiência, é que a falta de preparo dos profissionais da educação para lidar com esse tipo de aluno é o mais prejudicial. Além do mais, o estado deveria disponibilizar em todas as escolas inclusivas o ensino de LIBRAS, até mesmo na grade curricular nas escolas. O mesmo que acontece com algumas exceções, que são as escolas que o governo usa como modelo. Nela, a educação inclusiva acontece de verdade, pois todos recebem o ensino da Língua Brasileira de Sinais, facilitando assim a interação entre todos os alunos e professores. E esse é o principal objetivo do nosso esforço. Se o projeto continuar da forma que está, chegaremos ao nosso objetivo principal, que é tirar o “Escola Inclusiva” apenas da denominação de um sistema de educação e colocá-lo no seu devido lugar, que é a realidade.

### **BIBLIOGRAFIA**



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SANTOS, J. R.; NUNES, F. G. O Aluno Surdo na Aula de Geografia: Alguns Elementos para a Reflexão Sobre a Inclusão. **Ensino de Geografia: Novos Olhares e Práticas**. Dourados. 2011. P. 101 à 127. Disponível em: [http://www.clacso.org.ar/libreria\\_cm/archivos/pdf\\_56.pdf](http://www.clacso.org.ar/libreria_cm/archivos/pdf_56.pdf). Acesso em: 01 ago. 2015.

MANTOAN, M. T. E. **A Educação Especial no Brasil – da Exclusão à Inclusão Escolar**. Campinas. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta1.3.htm>. Acesso em 02 ago. 2015.

AMPUDIA, R. O que é Deficiência Auditiva? **Nova Escola**. São Paulo. 2015. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/deficiencia-auditiva-inclusao-636393.shtml>. Acesso em 02 ago. 2015.